

RELATÓRIO INTEGRADO: DEFICIÊNCIAS NA COMPREENSÃO POR PARTE DOS PROFISSIONAIS DE FINANÇAS

João Victor Viana Da Costa - UNINOVE – Universidade Nove de Julho

Resumo

Este relato técnico visa analisar o nível de conhecimento de profissionais de finanças acerca do relatório integrado (RI). Com abordagem qualitativa foram coletadas respostas por meio de questionário eletrônico enviado profissionais de finanças que atuam em empresas listadas e que divulgam o RI. Os resultados sugerem que há deficiências no entendimento dos conceitos fundamentais e framework do RI por parte desses profissionais. Como contribuições, este relato apresenta fatores determinantes para o debate sobre a evolução do relatório integrado, traçando um panorama sobre o nível de conhecimento dos profissionais de finanças das organizações que usam o RI ao passo que também contribui para a prática das empresas ao sugerir uma nova abordagem sobre o tema internamente.

Palavras-chave: Relatório Integrado. Framework. Profissionais de Finanças.

Abstract

This report aims to analyze the level of expertise of finance professionals about the integrated reporting (IR). In this sense, a qualitative survey was performed with professionals who work in listed companies that disclose the IR. The results suggest that there are deficiencies in understanding the fundamental concepts and the IR's framework. This report contributes to the debate on the evolution of the integrated reporting, providing an overview of finance professional's level of knowledge while also contributing to the practice of companies by suggesting a new approach to the topic internally.

Keywords: Integrated Reporting. Framework. Finance professionals.

RELATÓRIO INTEGRADO: DEFICIÊNCIAS NA COMPREENSÃO POR PARTE DOS PROFISSIONAIS DE FINANÇAS

RESUMO

Este relato técnico visa analisar o nível de conhecimento de profissionais de finanças acerca do relatório integrado (RI). Com abordagem qualitativa foram coletadas respostas por meio de questionário eletrônico enviado profissionais de finanças que atuam em empresas listadas e que divulgam o RI.

Os resultados sugerem que há deficiências no entendimento dos conceitos fundamentais e framework do RI por parte desses profissionais. Como contribuições, este relato apresenta fatores determinantes para o debate sobre a evolução do relatório integrado, traçando um panorama sobre o nível de conhecimento dos profissionais de finanças das organizações que usam o RI ao passo que também contribui para a prática das empresas ao sugerir uma nova abordagem sobre o tema internamente.

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, empresas demonstram maior interesse em questões financeiras, sem embargo, ao longo as últimas décadas, temas relacionados a sustentabilidade e sua associação direta aos negócios passaram a ser relevantes para empresas e seus *stakeholders* (Busco et al., 2018). Nesse sentido, a divulgação de informação tradicional que ignora as questões não-financeiras, podem ser considerada insuficiente em um novo século em que as questões sociais e ambientais passaram a ser tão fundamentais quanto à abordagem econômica.(Atkins & Maroun, 2015).

Nessa perspectiva, o *International Integrated Reporting Council* (IIRC) apresenta o Relatório Integrado que, através do seu *framework*, tem objetivo de reunir os diferentes componentes dos relatórios corporativos em uma única peça, sendo eles de caráter financeiro ou não. Assim, o RI incorpora elementos como visão geral organizacional, juntamente com o ambiente externo, governança, modelo de negócios, riscos e oportunidades, estratégias, desempenho, perspectiva e base de preparação e apresentação (IIRC, 2013). Por conseguinte, este relato apresenta um novo paradigma na divulgação de informações pelas organizações e por isso, pesquisas apresentam os benefícios da adoção do mesmo pelas empresas, como por exemplo, redução no custo do capital (García-Sánchez & Noguera-Gámez, 2018; Zhou et al., 2017) e aumento da lucratividade (Baboukardos & Rimmel, 2016).

Apesar dos benefícios apresentados na adoção do RI, o processo de elaboração do primeiro relatório integrado é complexo e pode sugerir às organizações diversas mudanças estruturais e culturais, principalmente no que diz respeito aos processos de tomada de decisão, comunicação, processos de identificação de riscos, entre outros. Portanto, compreender os fatores que impactam na adoção de relatórios integrados também é importante (Adams, 2015).

O objetivo desse trabalho é analisar o nível de entendimento da estrutura do RI por parte dos profissionais de finanças que atuam em empresas as quais elaboram o referido relatório, indivíduos estes, fundamentais no processo de adoção, elaboração, divulgação e interpretação dos relatórios integrados divulgados pelas organizações.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Com o proeminente avanço no processo de geração e disseminação de informações pelas organizações nas últimas décadas, a veracidade e a transparência destes conteúdos, são considerados elementos fundamentais para o desenvolvimento de confiança nas relações sociais e comerciais (Chaidali & Jones, 2017). Ao longo dos anos, vêm se ampliando as pressões e exigências em torno das empresas para que divulguem informações sobre sustentabilidade, evidenciando as ações dirigidas a minimizar os impactos de degradação ao meio ambiente e redução dos desequilíbrios sociais, ou seja, há um clamor da sociedade por transparência acerca de temas que comumente não são devidamente abordados pelas organizações (De Melo De Albuquerque Ribeiro et al., 2020).

Em face destas circunstâncias, o *International Integrated Reporting Council* (IIRC), órgão global e regulador de investidores, empresas, definidores de padrões, profissionais do setor contábil e ONGs, propôs um *framework* principiológico para a criação de um relatório que abrangeiria de uma vez só, assuntos financeiros e não-financeiros (Velte & Stawinoga, 2017). Com a intenção de assegurar uma base universal para adoção e criação deste relatório integrado, o IIRC (2013) propõe que a estrutura contemple princípios básicos e que aborde os oito seguimentos de conteúdo, elementos fundamentais os quais detalho a seguir.

a) Os princípios básicos sustentam a preparação do relatório integrado, informando o conteúdo do mesmo e a maneira pela qual a informação será apresentada.

Tabela 1 – Princípios básicos do relatório integrado

PRINCÍPIOS BÁSICOS	OBJETIVOS
Foco estratégico e orientação para o futuro	Oferecer a visão estratégica da organização e como ela se relaciona com a geração de valor em curto, médio e longo prazo.
Conectividade da informação	Abordar de forma holística o relacionamento e as dependências entre os fatores que afetam a capacidade da organização de gerar valor ao longo do tempo.
Relações com partes interessadas	Divulgar a natureza e a qualidade das relações que a organização mantém com suas principais partes interessadas (<i>stakeholders</i>).
Materialidade	Mostrar os assuntos que, de maneira significativa, afetam a capacidade de geração de valor.
Concisão	Apresentar as informações de maneira objetiva.
Confiabilidade e completude	Abordar todos os assuntos importantes, sejam eles positivos ou negativos de maneira equilibrada e livre de vícios.
Coerência e comparabilidade	Divulgar informações de forma lógica ao longo dos anos, possibilitando a comparação com outras organizações.

Fonte: Adaptado pelo autor (IIRC 2013).

b) Os elementos de conteúdo estão fundamentalmente vinculados uns aos outros e guiam o conteúdo geral do relatório.

Tabela 2 – Elementos de conteúdo do relatório integrado

ELEMENTOS DE CONTEÚDO	PERGUNTAS A SEREM RESPONDIDAS
Visão geral organizacional e ambiente externo	O que a organização faz e sob qual conjuntura ela atua?
Governança	Como a estrutura de governança apoia a geração de valor em curto, médio e longo prazo?
Modelo de negócios	Qual o modelo ou modelos de negócio da organização?
Riscos e oportunidades	Quais são os riscos e oportunidades que afetam a geração de valor e como a organização lida com eles?
Estratégia e alocação de recursos	Quais são os objetivos da empresa e como pretende alcançá-los?
Desempenho	Qual o nível de atingimento dos objetivos estratégicos a organização e quais foram os efeitos sobre os capitais?
Perspectiva	Quais são os desafios e incertezas que a empresa enfrentará ao desenvolver sua estratégia e quais os potenciais impactos ao modelo de negócio e desempenho no futuro?
Base para apresentação	Como se dá o processo de escolha dos temas a serem abordados no relatório e como estes temas são avaliados?

Fonte: Adaptado pelo autor (IIRC 2013).

Assim, decorrente destes dois quesitos, o Relatório Integrado (RI) pode ser definido como o processo em que as organizações se comunicam com seus *stakeholders* sobre aspectos financeiros ou não, sejam eles em curto, médio e longo prazo (IIRC, 2013). Portanto, o RI conceitualmente adiciona aos relatórios financeiros tradicionais uma fotografia completa da organização, abordando de forma mais eficiente as diversas vertentes de capitais, sendo eles, financeiro, manufaturado, intelectual, humano, social, relacionamento e natural (Lopes & Coelho, 2018).

Nesse sentido, por demonstrar preocupação não tão somente em temas econômicos, mas sobretudo como a organizações podem gerar valor aos *stakeholders*, a divulgação do RI pode gerar maior engajamento por parte de investidores, alterando seu comportamento na tomada de decisões, o que pode facilitar a aplicação de um maior volume de recursos à uma instituição em detrimento à outra que não publique o relatório integrado (Esch et al., 2019). Como não poderia faltar, também há indícios de benefícios não financeiros oriundos do processo de divulgação do RI, sendo eles, o aumento da reputação das empresas e crescimento do índice de engajamento dos colaboradores (Zhou et al., 2017).

A despeito dos benefícios apresentados, há uma carência de estudos empíricos demonstrando de maneira mais abrangente os resultados da adoção e divulgação do RI, passando a ser crucial também explorar seu panorama atual, com a intenção de entender os aspectos relacionados a sua divulgação, ou seja, avaliar quem o está publicando, onde e como estão sendo publicados esses relatórios (Lopes & Coelho, 2018). Nessa mesma lógica, pouco se sabe sobre o custo monetário e operacional envolvido no processo de adoção e divulgação do RI e como isso pode desestimular a adoção do RI, corroborando, Adams (2015) demonstra o interesse em entender os fatores que impactam na adoção de relatórios integrados.

3. METODOLOGIA

A maioria dos estudos relacionados ao relatório integrado se concentrou em evidências documentais, ignorando assim as opiniões dos seus preparadores (Chaidali & Jones, 2017).

Este estudo caracteriza-se por sua abordagem quantitativa do tipo descritiva, com o objetivo de avaliar o nível de conhecimento a respeito do RI de um público específico. A metodologia empregada foi um *survey online* realizado com os coordenadores e gerentes de finanças, que atuam em empresas de capital aberto, que divulgam o relatório integrado e que este seja auditado por terceiros.

O questionário foi estruturado por cinco questões sendo elas, duas questões discursivas relacionadas aos conceitos básicos, duas questões de múltipla escolha relacionadas ao framework, valendo ressaltar que todas as alternativas apresentadas nestas duas questões estavam corretas e por fim uma questão de múltipla escolha relacionada ao processo de tomada de decisões,

O *Survey* foi encaminhado aos profissionais de forma *online* por e-mail e mensagens via LinkedIn, com base nos endereços obtidos através do site da B3, sendo então disponibilizado um link para o preenchimento do instrumento de pesquisa no *Google Forms*. O envio deste e o recebimento das respostas ocorreram nos meses de abril e maio de 2021. Após o formulário ser disponibilizado aos partícipes, contatos telefônicos e via plataforma LinkedIn foram realizados para com o objetivo de obter o máximo de respostas possíveis.

Questão discursiva 1: O que é relatório integrado (RI)?

A primeira pergunta visa explorar a definição de RI, que segundo o IIRC (2013), é o processo de comunicação sobre a criação de valor sustentável ao longo do tempo, que fornece insights sobre os recursos e relacionamentos usados ou afetados pela organização, bem como a interação entre a organização e seu ambiente externo, conceito reforçado por (Pozzoli & Gesuele, 2016), que arguem que o relatório integrado é uma forma de comunicação externa que combina aspectos financeiros e não-financeiros das organizações, visando assim suportar a avaliação de performance e reputação das empresas sob a ótica de seus *stakeholders*.

Questão discursiva 2: Qual a importância do RI?

O IIRC (2013) destaca que o RI é importante, pois, dá enfoque na capacidade que uma organização tem de gerar valor seja em curto, médio e longo prazo, enfatizando de maneira combinada o foco estratégico futuro e a interdependências dos capitais (financeiro, manufaturado, intelectual, humano, social, de relacionamento e natural).

Questão múltipla escolha 3: Na sua opinião, quais princípios fundamentais deveriam ser considerados no RI?

- Foco estratégico e orientação futura;
- Conectividade de informações;
- Responsividade das partes interessadas;
- Materialidade e concisão;
- Confiabilidade e completude;
- Consistência e comparabilidade.

Segundo o (IIRC, 2013) a estrutura do RI utiliza uma abordagem baseada em princípios. O objetivo é equilibrar a grande variedade de circunstâncias individuais de diferentes organizações e a necessidade de comparabilidade entre si. Desta maneira os princípios são os elementos chave em apoio à análise e representatividade da economia circular (Barnabè & Nazir, 2020), neste caso, todas as alternativas são corretas e objetivo é avaliar quais serão as mais consideradas pelos participantes.

Questão múltipla escolha 4: Quais dos elementos abaixo deveriam ser considerados na elaboração do RI?

- Visão geral da organização e ambiente externo;
- Governança;
- Oportunidades e riscos;
- Estratégia e alocação de recursos;
- Modelo de negócios;
- Desempenho;
- Panorama futuro.

Um relatório integrado abrange oito Elementos de Conteúdo que estão vinculados uns aos outros e que tem como objetivo guiar o conteúdo geral do citado relatório, ao passo que indica quais informações deveriam ser incluídas em um relatório integrado (IIRC 2013), nesse sentido, ao incluir tais elementos, o RI cumpre com o seu principal objetivo que é divulgar ao seus stakeholders, como as organizações geram valor ao longo do tempo. Assim como na questão anterior, todas alternativas são corretas e o objetivo é avaliar a percepção do respondente sobre estes elementos.

Questão múltipla escolha 5: Na sua opinião, o processo de tomada de decisões nas empresas deveria ser baseado em: Informações financeiras, não-financeiras ou em ambas?

O objetivo desta questão é avaliar qual é a proximidade dos participantes com um dos objetivos principais do RI, que segundo o IIRC (2013) seria explicar aos *stakeholders* como uma organização gera valor ao longo do tempo, e por isso ele contém informações relevantes de caráter financeiro e ou não, portanto, o RI mostra-se como uma alternativa concisa e coerente para integrar todas as informações relevantes sobre as atividades criadoras de valor das organizações (de Villiers et al., 2014; Dumay, 2016; Rinaldi et al., 2018), nesse sentido, as duas alternativas estariam corretas.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

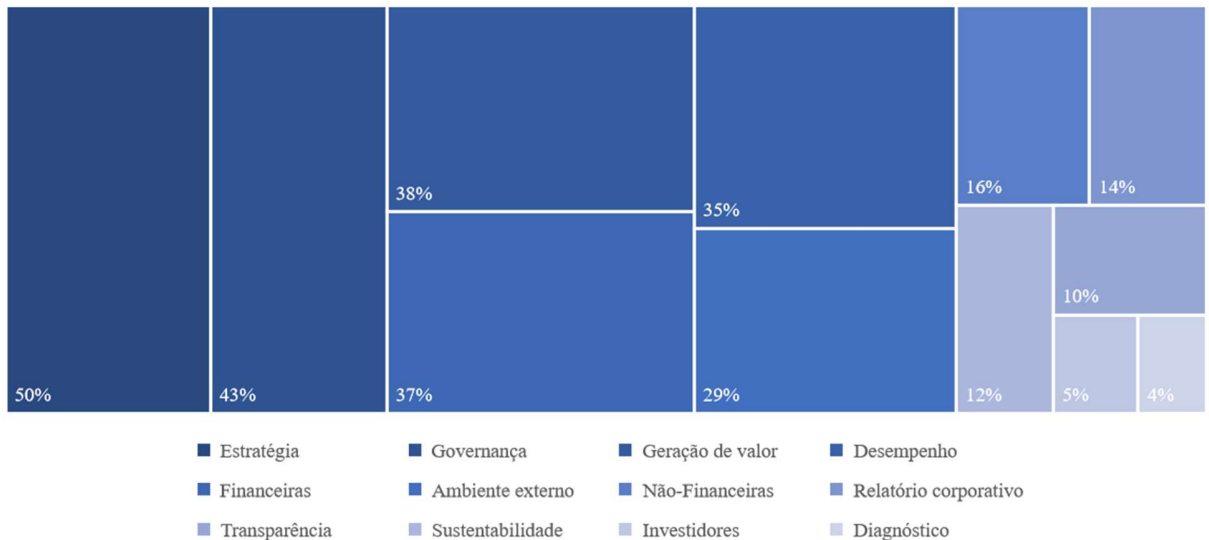
Respondendo ao chamado de Adams (2015) que buscava entender os diferentes fatores importantes na adoção ao RI, este estudo buscou avaliar o nível de entendimento sobre os conceitos fundamentais e framework do RI por parte dos profissionais e finanças, atores importantes em toda em todo processo de adoção, preparação e divulgação deste relatório. Dos 80 questionários enviados, obteve-se retorno de 27 respondentes os quais foram analisados e apresentados na continuação.

Questão 1: O que é relatório integrado (RI)?

O resultado da primeira questão demonstra que na visão dos respondentes, o RI é um relatório que deve integrar assuntos diversos e que, na predominância dos participantes, este estaria mais associado à estratégia, governança, geração de valor e desempenho respectivamente. Com ajuda do software NVivo, as respostas foram classificadas para demonstrar de maneira visual a distribuição dos termos e palavras mais utilizados.

A figura 1 demonstra que, apesar da predominância dos termos diretamente relacionados às questões econômicas, há uma pequena parcela dos participantes que utilizaram os termos “não-financeiras”, “sustentabilidade” e “transparência”, nesse sentido, há indícios que existe deficiência de grande parte dos participantes para associar RI aos assuntos de caráter não financeiro, e que segundo (Chaidali & Jones, 2017) este fenômeno estaria relacionado a falta de orientação recebida pelos profissionais por parte de sua liderança.

Figura 1 – Recorrência dos termos mais utilizados

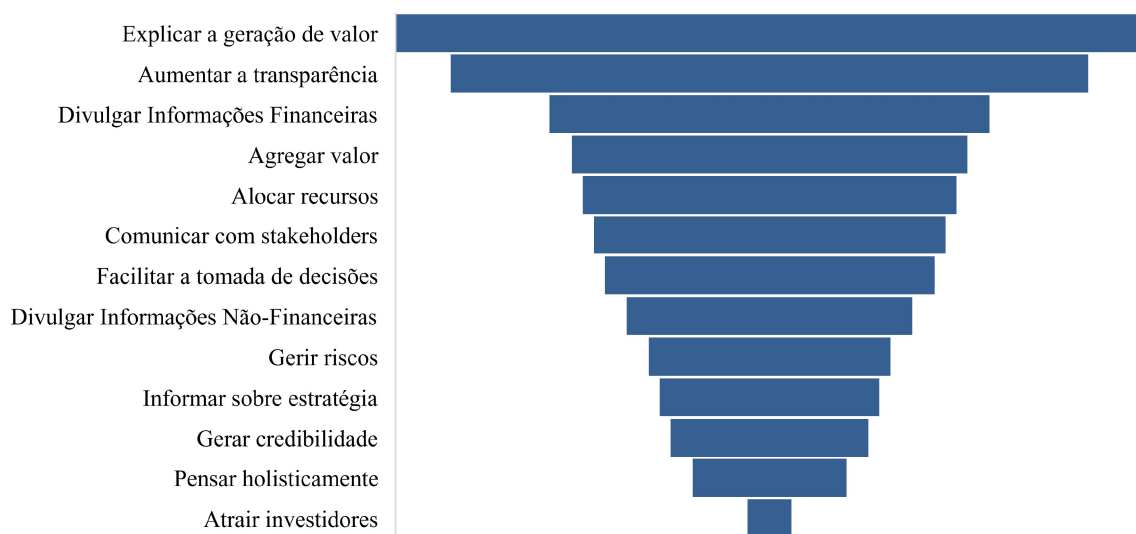


Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Questão 2: Qual a importância do RI?

O resultado desta questão, de um modo geral, nos mostra que houve maior enfoque em como o RI pode auxiliar as organizações no processo de divulgação de informações de maneira mais confiável e transparente de modo que este processo possa auxiliar as empresas na percepção do valor gerado sob a ótica das partes interessadas, o que vai ao encontro de (Esch et al., 2019) que afirmam que o RI bem elaborado e divulgado pode influenciar a avaliação das organizações pelos *stakeholders*, podendo inclusive, alterar comportamentos e gerar maior nível de engajamento pelas partes interessadas. Para demonstrar graficamente, as respostas foram codificadas através dos termos mais utilizados nas respostas.

Figura 2 - Codificação de termos mais utilizados

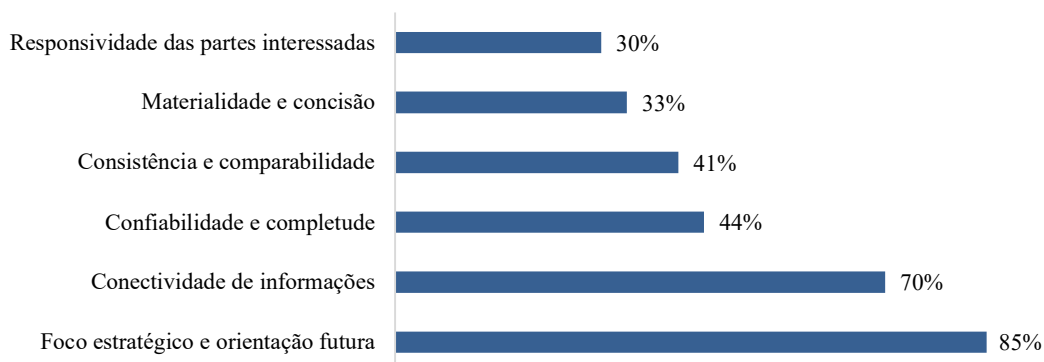


Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Questão 3: Na sua opinião, quais princípios fundamentais deveriam ser considerados no RI?

Foi apurado na Questão 3 que para a maioria, o princípio “Foco estratégico e Orientação Futura” é o mais relevante no framework. Por outro lado, princípios relacionados as partes relacionadas, materialidade e comparabilidade foram ignorados por grande parte deles, a figura 3 a seguir demonstra de forma detalhada a percepção de importância por parte dos respondentes, e que apesar do fato do resultado obtido não esteja em linha com o que preza o framework estabelecido pelo IIRC, este posicionamento dos respondentes foi previsto por (Flower, 2015; Thomson, 2015) que discorriam sobre como a falta de clareza sobre sua estrutura seria um entrave para o seu desenvolvimento dentro e fora das organizações.

Figura 3 – Distribuição das alternativas selecionadas



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Questão 4: Quais dos elementos abaixo deveriam ser considerados na elaboração do RI?

O resultado desta questão, nos mostra que para maioria dos respondentes temas sobre governança e visão geral da organização e ambiente externo são mais relevantes na elaboração do RI, entretanto, temas relacionados ao modelo de negócio, desempenho e panorama futuro ficaram em segundo plano. Na sequência, a figura 4 detalha a percepção destes participantes acerca dos elementos de conteúdo do RI.

Figura 4: Distribuição das alternativas selecionadas



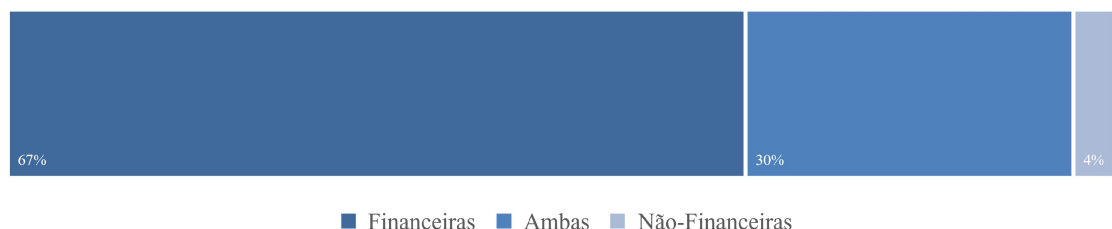
Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O fato dos oito elementos não terem sido unanimidade para os respondentes pode ser relacionado com a deficiência do próprio framework estabelecido pelo IIRC, visto que o não há determinações específicas sobre o nível de detalhamento ou características das mesmas, ficando a decisão do final sobre conteúdo a ser divulgado para o preparador (de Villiers & Sharma, 2020).

Questão 5: Na sua opinião, o processo de tomada de decisões nas empresas deveria ser baseado em: Informações financeiras, não-financeiras ou em ambas?

As respostas recebidas nesta questão corroboram os resultados obtidos ao longo do *survey*, mostrando que há predisposição da maioria dos respondentes em preterir informações não-financeiras, indo na contramão do que o RI visa alcançar.

Figura 5: Distribuição de respostas



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A figura 5 constata o fato de que apenas 30% dos respondentes consideraram que informações financeiras e não financeiras deveriam ser consideradas no processo de tomada de decisão, por outro lado a maioria entende que apenas informações financeiras seriam relevantes.

Este fenômeno demonstra que, pensar da evolução trazida pelo RI pelas empresas, há espaço para evolução dos profissionais de finanças no que diz respeito ao pensamento crítico de longo prazo no tocante a tomada de decisão, geração de valor e sustentabilidade (de Villiers et al., 2017).

5. CONCLUSÕES

Esta pesquisa analisou o nível de conhecimento geral do relatório integrado por parte dos profissionais de finanças. Para isto, realizei um *survey* no período de abril e maio de 2021, com o intuito de explorar a percepção destes indivíduos sobre conceito geral, objetivos, princípios e conteúdo do relatório integrado.

Este estudo demonstrou que grande parcela dos participantes conceitua o RI como um relatório que aborda questões de estratégia, governança e desempenho. Portanto, conclui-se que sob esta ótica, o público-alvo para estes respondentes seriam os sócios (*shareholders*), o que vai de encontro com os preceitos do relatório integrado, que visa atender todas as partes relacionadas (*stakeholders*) das organizações (Velte & Stawinoga, 2017).

Ainda sobre os conceitos fundamentais, os respondentes massivamente consideraram que este relato tem importância no que tange ao processo de geração de valor e transparência, fato este ratificado por (Robertson & Samy, 2015) que enfatizam a importância do processo de divulgação e medição do valor gerado. Sem embargo, vale ressaltar que temas relevantes que dizem respeito à divulgação de informações não financeiras e gestão de riscos foram brevemente citados, denotando desconhecimento dos objetivos do relatório integrado por parte dos respondentes.

Ao avaliar o nível de conhecimento que concerne ao framework, pode-se identificar que assuntos relacionados à visão geral da organização e estratégia predominam nas respostas obtidas, sendo preteridos elementos fundamentais como por exemplo, responsividade das partes interessadas, divulgação de informações não financeiras, entre outros. De modo geral, há evidências de pouca familiarização entre estes profissionais e a estrutura geral do relatório integrado disposta pelo IIRC.

Segundo (Luft, 2009), a combinação de informações não financeiras e financeiras no processo de divulgação de informações está fortemente associada ganhos e retorno sobre investimento, e que a inconsistência entre estes dois gêneros poderia ensejar indícios de fraude.

Nessa perspectiva, foi avaliado que apenas 30% dos participantes levaram em consideração informações financeiras no processo de tomada de decisão das empresas, fato preocupante, pois, como descrito anteriormente, há sérias implicações que podem decorrer do mau uso destes gêneros de dados no processo de divulgação de informações.

Logo, há indicações de grande dificuldade em conceituar o RI e em menor escala para descrever seus objetivos, ademais, há sinalizações sobre a baixa afinidade entre a maioria dos respondentes e o framework do relatório integrado, valendo ressaltar que a limitação deste estudo foi a baixa adesão ao *survey*, mais uma evidência do baixo interesse ao tema.

Por fim, concluo que há deficiências por parte profissionais de finanças em determinar e compreender os objetivos gerais do relatório integrado e seu *framework*, isso posto, seu nível de conhecimento baseado na obra de (Hubert Dreyfus, 1986) foi observado como iniciante-avançado.

6. IMPLICAÇÕES PARA PRÁTICA

O presente estudo traz contribuições relevantes para área de pesquisa acadêmica, pois aborda o relatório integrado sob a ótica de preparadores e usuários internos das organizações, visando contribuir com o preenchimento das lacunas observadas por (Adams, 2015) e (Chaidali & Jones, 2017).

Esta pesquisa revela o baixo nível de conhecimento no que tange ao relatório integrado por parte dos profissionais de finanças, a partir desta evidência, torna-se necessário avaliar o nível de conhecimento geral sobre o RI. Portanto, recomendo a reprodução deste estudo sob a ótica de outros atores que se relacionam diretamente com o relatório integrado. Por isso, destaco:

- a) Gerentes e diretores responsáveis pelo RI nas organizações divulgadoras;
- b) Analistas de segmentos de mercado e profissionais de investimentos;
- c) Investidores.

Nessa mesma lógica, vale ressaltar que a principal limitação deste trabalho foi a baixa adesão dos respondentes, logo, reproduzi-lo em maior escala de participantes é imprescindível em futuros estudos.

Além das contribuições acadêmicas abordadas, vale destacar as implicações para a prática nas organizações decorrentes dos resultados desta pesquisa. Assim, pode-se relacionar a deficiência apresentada pelos participantes com a falta de orientação recebida por parte das organizações, fato este corroborado por (Velte & Stawinoga, 2017) que arguiam sobre os desafios enfrentados pelas organizações no processo de adoção do pensamento integrado, nesse sentido, recomendo às empresas:

- a) Realização de convenção anual para apresentação do RI aos seus colaboradores;
- b) Promoção de treinamentos trimestrais que abordem o objetivo, conteúdo e elaboração do relatório integrado;
- c) Execução de campanhas de endomarketing para difusão do RI;

Por fim, faz-se necessário que as contribuições apresentadas nesse estudo sejam levadas em conta pelo órgão mantenedor do RI, *International Integrated Reporting Council* (IIRC), pois, conforme descreve (Flower, 2015), o relatório integrado estaria se desconectando das suas origens e objetivos e por isso estaria caminhando rumo ao fracasso. Portanto, caberia ao IIRC:

- a) Desenvolver programa de certificação para preparadores do relatório integrado;
- b) Promover processo de auditoria, validação e certificação das empresas divulgadoras;
- c) Fomentar programas de treinamentos para todos os *stakeholders* com intuito de capacitar a todos os leitores do RI.

REFERÊNCIAS

- Adams, C. A. (2015). The international integrated reporting council: A call to action. *Critical Perspectives on Accounting*, 27, 23–28. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2014.07.001>
- Atkins, J., & Maroun, W. (2015). Integrated reporting in South Africa in 2012: Perspectives from South African institutional investors. *Meditari Accountancy Research*, 23(2), 197–221. <https://doi.org/10.1108/MEDAR-07-2014-0047>
- Baboukardos, D., & Rimmel, G. (2016). Value relevance of accounting information under an integrated reporting approach: A research note. *Journal of Accounting and Public Policy*, 35(4), 437–452. <https://doi.org/10.1016/j.jaccpubpol.2016.04.004>
- Barnabè, F., & Nazir, S. (2020). Investigating the interplays between integrated reporting practices and circular economy disclosure. *International Journal of Productivity and Performance Management*. <https://doi.org/10.1108/IJPPM-03-2020-0128>
- Busco, C., Giovannoni, E., Granà, F., & Izzo, M. F. (2018). Making sustainability meaningful: aspirations, discourses and reporting practices. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 31(8), 2218–2246. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-04-2017-2917>
- Chaidali, P. (Penny), & Jones, M. J. (2017). It's a matter of trust: Exploring the perceptions of Integrated Reporting preparers. *Critical Perspectives on Accounting*, 48, 1–20. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2017.08.001>
- De Melo De Albuquerque Ribeiro, C., Vieira Neto, J., Cosenza, J. P., & Zotes, L. P. (2020). Disclosure of corporate social responsibility on integrated report studies: A review of the literature. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 53, 107–132. <https://doi.org/10.5380/dma.v53i0.68391>
- de Villiers, C., Rinaldi, L., & Unerman, J. (2014). Integrated reporting: Insights, gaps and an agenda for future research. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 27(7), 1042–1067. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-06-2014-1736>
- de Villiers, C., & Sharma, U. (2020). A critical reflection on the future of financial, intellectual capital, sustainability and integrated reporting. *Critical Perspectives on Accounting*, 70. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2017.05.003>
- de Villiers, C., Venter, E. R., & Hsiao, P. C. K. (2017). Integrated reporting: background, measurement issues, approaches and an agenda for future research. *Accounting and Finance*, 57(4), 937–959. <https://doi.org/10.1111/acfi.12246>
- Dumay, J. (2016). A critical reflection on the future of intellectual capital. *Journal of Intellectual Capital*, 17(1), 168–184.
- Esch, M., Schnellbacher, B., & Wald, A. (2019). Does integrated reporting information influence internal decision making? An experimental study of investment behavior. *Business Strategy and the Environment*, 28(4), 599–610. <https://doi.org/10.1002/bse.2267>
- Flower, J. (2015). The international integrated reporting council: A story of failure. *Critical Perspectives on Accounting*, 27, 1–17. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2014.07.002>
- García-Sánchez, I. M., & Noguera-Gámez, L. (2018). Institutional Investor Protection Pressures versus Firm Incentives in the Disclosure of Integrated Reporting. *Australian Accounting Review*, 28(2), 199–219. <https://doi.org/10.1111/auar.12172>
- Hubert Dreyfus, S. E. D. (1986). *Hubert Dreyfus, Stuart E. Dreyfus - Mind Over Machine-Free Press (2000)*.
- IIRC. (2013). *A ESTRUTURA INTERNACIONAL PARA RELATO INTEGRADO*. www.theiirc.org:

- Lopes, A. I., & Coelho, A. M. (2018). Engaged in integrated reporting? Evidence across multiple organizations. *European Business Review*, 30(4), 398–426. <https://doi.org/10.1108/EBR-12-2016-0161>
- Luft, J. (2009). Nonfinancial information and accounting: A reconsideration of benefits and challenges. In *Accounting Horizons* (Vol. 23, Issue 3, pp. 307–325). <https://doi.org/10.2308/acch.2009.23.3.307>
- Pozzoli, M., & Gesuele, B. (2016). THE QUALITY OF INTEGRATED REPORTING IN THE PUBLIC UTILITIES SECTOR: first empirical impressions. *International Journal of Business Research and Development*, 5(1). <https://doi.org/10.24102/ijbrd.v5i1.501>
- Rinaldi, L., Unerman, J., & de Villiers, C. (2018). Evaluating the integrated reporting journey: insights, gaps and agendas for future research. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 31(5), 1294–1318. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-04-2018-3446>
- Robertson, F. A., & Samy, M. (2015). Factors affecting the diffusion of integrated reporting – a UK FTSE 100 perspective. *Sustainability Accounting, Management and Policy Journal*, 6(2), 190–223. <https://doi.org/10.1108/SAMPJ-07-2014-0044>
- Thomson, I. (2015). “But does sustainability need capitalism or an integrated report” a commentary on “The International Integrated Reporting Council: A story of failure” by Flower, J. *Critical Perspectives on Accounting*, 27, 18–22. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2014.07.003>
- Velte, P., & Stawinoga, M. (2017). Integrated reporting: The current state of empirical research, limitations and future research implications. *Journal of Management Control*, 28(3), 275–320. <https://doi.org/10.1007/s00187-016-0235-4>
- Zhou, S., Simnett, R., & Green, W. (2017). Does Integrated Reporting Matter to the Capital Market? *Abacus*, 53(1), 94–132. <https://doi.org/10.1111/abac.12104>